



# Operação repressiva da Guardia Civil contra a juventude revolucionária

Junho de 2005

**Diego Bernal, Vreixo Formoso, Íria Leis, Berta Lôpes e Afonso Mendes**

Entre os dias 2 e 3 de Junho, fomos detid@s na Corunha cinco militantes da organização juvenil da esquerda independentista galega BRIGA. Fomos interrogad@s em dependências da Guardia Civil, submetid@s a registos nos nossos carros e ao bloqueio dos nossos computadores e, posteriormente, levad@s a declarar perante a juíza. Saímos em liberdade provisória com cargos, obrigad@s a ir cada quinze dias ao julgado, sem safarmos quatro de nós de termos que passar umha noite nos calabouços da benemérita. Cinco detenções que, como pudemos saber posteriormente, graças ao publicado nalguns meios de comunicação, informados por sua vez por EFE, se realizárom no quadro da "Operación Cacharrón", desenvolvida pola Guardia Civil com o objectivo de "desmantelar" a nossa organização.

Polos vistos, os aparelhos repressivos do Estado espanhol, nomeadamente para a benemérita, a actividade desenvolvida por BRIGA nestes oito meses de existência é motivo suficiente para lançar umha campanha de repressom e intoxicação que tenciona impedir o nosso crescimento e inclusive procura a nossa desarticulação.

E dizemos bem, intoxicação, além de repressom, porque só assim é que pode ser qualificado o comunicado emitido pola Guardia Civil, que recolhem os meios anteriormente citados. As actividades e iniciativas desenvolvidas por BRIGA eram relatadas tal como se a nossa fosse umha organização clandestina que praticasse a luta armada, e nom o que realmente é, umha organização juvenil revolucionária, enquadrada no Movimento de Libertação Nacional Galego (MLNG), que realiza as suas actividades de modo absolutamente público e à qual as únicas acções hipotética e teoricamente "delitivas" que podem ser-lhe imputadas som as que se enquadram na lógica das dinâmicas da desobediência civil.

De facto, é mais do que provável que o detonante da "Operación Cacharrón" nom fosse outro que o mal-estar gerado entre as esferas militares espanholas, entre o PSOE de Paco Vasques, pola intensa campanha que BRIGA levou avante na Corunha, cidade onde se concentrárom as detenções, contra o desenvolvimento do desfile militar do dia das Forças Armadas do passado dia 29 de Maio. Lembremos que um dos actos estrela desta campanha foi a tentativa de derrubar a estátua de mais de três metros de altura do general Millán Astray que existe no centro desta cidade, diante do quartel de Atocha, facto polo qual já foram detidos os três activistas da nossa organização que participaram na acção, e que na actualidade se encontram em situação de liberdade com cargos e à espera de julgamento.

Mas a possibilidade de esta operação repressiva ter sido fruto do capricho dalgumha instância militar nom lhe resta importância nenhuma a estas detenções, senom que a agudiza. Ao formularmos esta hipótese, estamos a pôr de relevo o poder do militarismo na suposta democracia espanhola, capaz de activar os mecanismos legais que permitem a detenção de cinco jovens, pondo em cima da mesa a possível ilegalização dumha organização juvenil. Aliás, esta hipótese assenta em considerações fundadas em factos, como que dous dos detidos na "Operación Cacharrón" já foram detidos umha semana antes por terem participado na acção contra a estátua do criminoso de guerra e fundador da Legión, sendo naquela ocasiom presos por membros da Policía Nacional e levados ante o juiz sob uns cargos muito semelhantes aos que agora lhes imputa a Guardia Civil. A qualquer observador minimamente atento, tem que resultar-lhe estranho que dous corpos policiais fagam um trabalho praticamente análogo por duplicado. Porém, a acusação de "associação ilícita" é um salto qualitativo na repressom contra a esquerda independentista galega que deve ser confrontada a partir da serenidade e a contundência revolucionárias.

Infelizmente, a gravidade dos factos que denunciámos está a deparar com um muro de silêncio por parte dos meios de comunicação convencionais, assim como com a passividade e o olhar para outro lado da maioria das organizações autoproclamadas de esquerda na Galiza. Em plena campanha elei-



## Artigos de opinión

[www.briga-galiza.org](http://www.briga-galiza.org)

toral ao Parlamento autonómico, a deteñom de cinco militantes da juventude independentista e socialista galega tivo como única resposta um apagom informativo para evitar afectar assim a virtual "normalidade democrática". Os grandes meios de comunicación agírom coordenadamente seguindo as palabras de ordem do Estado espanhol: nom publicar nada a respeito da operaçom repressiva contra BRIGA. A imprensa silenciou totalmente os comunicados da nossa organizaçom e os de aquelas que mostrárom a sua solidariedade com nós, dando tam só algum espaço ao comunicado emitido pola Guarda Civil. A difusom da informaçom dependeu tam só dos meios alternativos da Internet e dos métodos tradicionais de agitaçom, colagem de cartazes e pintadas, nas ruas galegas.

A atitude das forçom maioritárias da esquerda institucional e das entidades que se situam nas suas proximidades é realmente vergonhenta. Que quem afirma ser pola denuncia da repressom espanhola na Galiza nom diga nem umha só palabra sobre uns factos tam sumamente graves dá boa mostra da sua estatura moral. Porém, nom é de estranhar umha atitude assim de quem tam só daria umha mao à esquerda independentista galega se fosse para lhe apertar o pescoço.

Contraditoriamente ao afirmado no "parte de guerra" da Guarda Civil, BRIGA nom está desarticulada, nom tem pensado retirar-se da actividade pública, nem renunciar aos seus legítimos objectivos tácticos e estratégicos. Continuamos avante na nossa luita pola defesa dos intereses da juventude trabalhadora galega, no quadro da estratégia de libertaçom nacional e social de género. Continuamos, portanto, ainda com mais forçom na difusom do direito à rebeliom, na luita por umha Galiza independente, socialista e nom patriarcal.